

INDISCIPLINA NA ESCOLA: um olhar sobre o discurso de alunos e professores¹

Ana Maura Tavares dos Anjos

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - UECE
Professora substituta da Faculdade Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE)

Gardênia Maria de Oliveira Barbosa

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - UFC
Professora Adjunta da Faculdade Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE)

RESUMO

O problema indisciplinar frequentemente tem origem em conflitos na família e no meio social que circunda os adolescentes, entre eles a escola. Neste estudo objetivamos compreender as concepções de alunos e professores sobre a indisciplina na escola, além de buscar perceber os sentimentos desses sujeitos em relação à indisciplina. Na realização deste trabalho tomamos como referencial a metodologia qualitativa com aplicação da técnica do “Discurso do Sujeito Coletivo”, tendo como amostra alunos e professores de uma escola pública de 6º ao 9º ano do ensino fundamental em uma cidade no interior do Ceará. O estudo revelou sentimentos ambíguos, além da crise do vínculo do aluno com a escola.

Palavras chaves: Indisciplina. Afetividade. Discurso do Sujeito Coletivo.

1. Introdução

A indisciplina e suas manifestações nas relações entre professores e alunos na escola continua sendo uma temática merecedora da atenção das instituições educacionais e da sociedade em geral. Nas instituições escolares, a indisciplina é questão complexa, fruto de múltiplas causas, podendo ser resultante, além daquelas que se originam no seio da família, da recorrente fragilidade das regras, que geram a desobediência, ou da falta de medidas adequadas para inibir condutas impróprias ao padrão estabelecido para a convivência coletiva.

Hodiernamente, a indisciplina é um dos problemas polêmicos que a escola enfrenta. A percepção dos alunos sobre as ações dos professores no combate à indisciplina e os sentimentos dos alunos e professores em relação à indisciplina, precisam ser frequentemente repensados e reavaliados intensamente.

Problematizar a relação entre os educandos e os educadores e suas concepções acerca do tema indisciplina na escola nos possibilita refletir e/ou ressignificar a relação educador/educando/ambiente escolar, com o intuito de poder contribuir significativamente com mudanças positivas nas referidas relações e espaços. Neste sentido, este estudo se reconhece como de preponderante importância, pois enfoca o discurso,

¹ Trabalho de pesquisa desenvolvido durante assessoria na Secretaria Municipal de Itapiúna-CE.

os sentimentos, as representações de educadores e de educandos acerca do fenômeno indisciplina. Considerando que muito se ouve falar sobre a opinião dos educadores acerca da indisciplina, mas pouco se discute esse fenômeno sob a perspectiva dos alunos, esta investigação, ancorada na fala de sujeitos de uma Escola Pública localizada no interior do Estado do Ceará, vislumbra possibilitar reflexões e ressignificações acerca das relações intra e interpessoais em âmbito escolar.

2. Indisciplina: um tema complexo

A ideia básica que orienta essa pesquisa parte do pressuposto de que a indisciplina é um fator presente na escola e acarreta inúmeros prejuízos nas relações escolares e sociais, bem como para a aprendizagem dos educandos. Entendemos que com a expansão da oferta e a democratização do ensino houve uma massificação do ensino, tornaram-se mais comuns as desigualdades relativas a origem socioeconômica dos alunos que chegam às escolas, tendo em vista algumas inabilidades Governamentais no tocante a gestão da educação Pública de qualidade. Como uma das consequências dessa dinâmica, por exemplo, pode ser apontado o excessivo número de alunos por turma, com dificuldades manifestas, fruto de uma realidade multifacetada.

Pensar no aluno como o centro das ações e do planejamento escolar, não é suficiente. É necessário conhecer o seu mundo, seus estágios de desenvolvimento, as suas diversas formas de comunicação, os seus interesses. Exige, porém, uma relação professor/aluno que se baseie no diálogo, na compreensão, na “amorosidade”...

“na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica.” (FREIRE, 1996, p. 10)

Nessa perspectiva, no contexto da escola de massas o professor deve ter: “capacidade de adequações metodológicas, tendo em vista a especificidade de contextos nos quais se educa; visão de conhecimento em construção; análise da educação permeada de valores éticos e morais e o desenvolvimento e colaboração entre os pares como fator importante” (IMBERNÓN 2010, p.14). Logo, é preciso pensar o currículo e as práticas considerando a disciplina escolar como fator associado a diversas instâncias vivenciais do aluno, e, portanto, deve fazer parte da pauta de discussões e decisões coletivas da escola.

Para a consecução dessa formação plena, é preciso mais do que a simples transmissão de um conteúdo científico. Recomenda-se que a escola se converta em um ambiente acolhedor, humano, em um ambiente afetivo, espaço provedor e facilitador de muitas aprendizagens. É preciso que o professor olhe nos

olhos de seus alunos e pense sobre o seu fazer visando enriquecer e desenvolver o potencial humano integral de cada um deles. Esta compreensão está em consonância com o que diz Freire (1996), ao asseverar:

... não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e ‘cinzento’ me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (FREIRE, 1996, p.141)

Ao professor cabe exercer a sua autoridade, enquanto os alunos devem aprender o que lhes é proposto e adotar comportamentos que provoquem e facilitem a sua aprendizagem. Os discentes esperam que o professor exerça a sua autoridade, sem dúvidas. Quando não o faz, é desvalorizado, sendo mesmo rejeitado ou, então, motivo de zombaria (POSTIC, 1990), funcionando como anti-modelo. É curioso notar que os alunos mais indisciplinados são os que demandam que os professores os mantenham na ordem (ESTRELA, 1992).

3. O campo de investigação: material e método

Nossa investigação foi realizada em uma escola pública com professores e alunos do ensino fundamental em um município localizado no interior do Estado do Ceará. A escolha do *lócus* justificou-se mediante altos índices de reclamações acerca do problema indisciplina na escola, dirigidas à Secretaria Municipal de Educação e conhecidas por parte de uma das autoras desta investigação em seu exercício profissional.

Participaram da pesquisa quatro professores de diversas áreas do ensino dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), e quatro alunos do turno da tarde, um de cada turma, escolhidos aleatoriamente. Para tabulação dos dados, os sujeitos foram identificados por letras, seguidos pelo número da entrevista – (letra A para alunos, letra P para professores).

Esta pesquisa baseou-se em uma metodologia qualitativa que se pautou na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo-DSC (LEFÈVRE, 2005, p. 15-16), “considerada como uma proposta que permite uma organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos através de depoimentos, além do apoio na teoria da representação social e seus pressupostos”. A apresentação de resultados de pesquisas qualitativas que tem os depoimentos como matéria prima, sob a forma de um ou vários discursos-síntese escritos, expediente que visa expressar o pensamento de uma coletividade, como se esta coletividade fosse emissora do discurso, ou seja, como se fosse um discurso individual.

3. Resultados: o que nos apontam os discursos

A partir da coleta de dados, vários temas ou expressões chaves surgiram, entendidos como regras, entre os quais se destacaram o respeito aos professores e as questões familiares, conforme dados

coletados e organizados nos discursos do sujeito coletivo. As consultas feitas junto aos participantes da pesquisa apontam seus entendimentos sobre as questões destacadas a seguir:

DSC1 Indisciplina pode ser descrita como consequência da falta de limites advinda de contexto familiar

Sei não, acho que não respeitar as pessoas e sair da sala. É não respeitar os professores; não estudar e fazer bagunça. A escola tá sem moral. (A 1)

Às vezes, dá as costas para o professor... e se a gente disser que vai falar com os pais deles eles falam: meus pais não ligam para isso. Desestrutura que já vem de casa e só professor não resolve. (P 1)

DSC 2 - A escola realiza intervenções para enfrentar a indisciplina, no entanto são ineficazes.

Faz... acho que não resolve; me sinto mal. Quando a tia sai eles fazem tudo de novo. Às vezes a tia dá uns carão nos meninos. As professoras dizem para os meninos prestar atenção nas aulas e quando chegar a hora do intervalo brincar, e não hora da aula. Para alguns funciona, para outros não! Os professores chamam os pais, querem ajudar... Mas isso não funciona. (A 2)

Não. Nos encontramos... a gente discute sobre isso... o diretor e a coordenadora perguntam como está em cada sala de aula e quem são os alunos que estão indisciplinados. A gente fala quem são e o que eles tem feito. Em grupo, a gente tenta procurar uma solução e as vezes conversa com a família. Às vezes funciona e às vezes não. (P 1)

Tem algumas famílias que colaboram muito e alguns alunos ouvem os pais...Tem outras que não. Mesmo que o pai insista, converse que tenha educação em casa, parece que quando os alunos vêm à escola se transformam em outra pessoa. Eles mudam e tentam agir diferente quando estão longe dos pais. (P 2)

Nós tentamos...A gente faz uma aula diferente, tenta envolver ao máximo os alunos nas atividades. Esse é um problema serio que afeta o desenvolvimento daqueles que querem aprender. A gente faz o que pode, leva os alunos para o núcleo de informática para interagirem na internet, faz palestra. A gente tem que cumprir as regras para dar bom exemplo. (P3)

DSC 3 - sentimentos ambíguos no vínculo da relação professor/aluno/família

É ruim, me sinto mal porque assim a gente não aprende, era para eles prestarem mais atenção na aula e se comportar mais. (A 2)

Me sinto indisciplinado quando saio de casa sem querer vir pra escola e eu começo a me danar. As professoras não dão nem atenção, estão ganhando o dinheiro delas, tanto faz. Às vezes sou um aluno correto. (A 3)

Quando eu crescer quero ser médico... para mim os alunos vem pra aula pra bagunçar é porque são maltratados em casa. (A 4)

Por um lado eu fico triste porque numa sala onde todos ou a maioria aprende, você pensa: meu trabalho está sendo ótimo, eles estão gostando... mas quando existe indisciplina eu começo a rever o que eu estava dando porque eu estou dando.(P 1)

Me sinto triste por não poder desempenhar o trabalho que a gente planeja, que a gente almeja, a gente deixa de atingir os objetivos. (P 2)

É um problema que eu tento buscar soluções colocando atividades que envolvam todos, tentamos trabalhar em grupo, dinâmica, vídeo para ver se ameniza a indisciplina. (P 3)

Quando o aluno aproveita o máximo o conteúdo eu digo: hoje eu ganhei o dia. Mas, nos momentos que não interagem comigo então eu fico triste, com sentimentos de culpa.” (P 4)

Quanto às opiniões dos alunos sobre como se sentiam em relação à indisciplina, destacamos que os mesmos relataram sentimentos ambíguos, afirmando se sentirem “ruim”. Para eles a indisciplina não é um fenômeno bom, e fizeram menção ao que Vasconcelos (2009) afirma ser a crise do vínculo do aluno com a escola - “as professoras não dão nem atenção, estão ganhando o dinheiro delas, tanto faz...” O discurso deste sujeito nos dá o mote para uma profícua discussão sobre como o aluno percebe o vínculo na relação professor/aluno, até que ponto este sujeito se sente um objeto de afeição do “amado mestre”.

Alguns professores destacaram que a escola não realiza intervenções de combate à indisciplina, e prosseguindo neste discurso, apresentam algumas ações realizadas por eles próprios, como: discussão em grupo, apresentação de dificuldades para o núcleo gestor da escola, planejamento de aulas diferentes onde os alunos possam interagir, conversas com famílias, o que nos leva a questionar se os mesmos não consideram essas ações como interventivas e eficazes para o combate à indisciplina, ou se apenas referem-se às mesmas como ações pontuais e não contínuas, portanto, frágeis.

4. Considerações finais

O fenômeno indisciplina, conforme apresentado, marca presença nas relações entre alunos e professores há longas datas, exigindo, porém, uma cadeia contínua e articulada de ações dialógicas e dialéticas de ação-avaliação-ação para lidar com a complexidade inerente às relações interpessoais que envolvem o cenário de seu acontecimento. Sobre esse contexto, em síntese, evidenciam-se manifestações nos discursos dos professores e alunos que revelam a necessidade de reflexões que podem fazer significativa diferença para que a indisciplina seja melhor compreendida e, conseqüentemente, cuidada.

Professores e alunos reconhecem que a indisciplina na escola é fenômeno complexo que envolve fatores como o desajuste familiar, fatores sociais e econômicos. A falta de limites não impostos pela família, a não atribuição de responsabilidades, a agressividade a que são submersos no dia-a-dia nas relações familiares e na escola também evidenciam-se em suas falas. Não obstante os alunos se comprometerem com a disciplina na presença dos pais, a ação da família não coíbe os comportamentos inadequados reclamados pela escola.

Imagina-se que a escola como espaço de elaboração da autonomia dos educandos deve propor espaços de escuta, onde os mesmos possam expressar suas necessidades, desejos e frustrações. É preciso que a escola perceba o que existe no âmago da mera execução de um comportamento indesejável.

Diante do discurso de pessoas que assumem papéis diferentes - professor/aluno - em uma relação potencialmente fragilizada, sobre um fenômeno que envolve ambos, explicitam-se opiniões que anunciam as falas de sujeitos que sofrem, que desejam, que sonham com a solução de tantos desafios.

Em suma, asseveramos que é preciso pensar em uma escola reflexiva, com professores reflexivos, comprometidos com uma sociedade de emergentes demandas que ultrapassam o saber conceitual – de domínio do conhecimento específico para ensinar, garantindo ao professor espaços para reflexão crítica que possa transformar sua prática e, conseqüentemente, sua relação interpessoal com os alunos e com a comunidade, eixo condutor de novas práticas.

5. Referências

ESTRELA, M. T. Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. Porto: Porto, 1992

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

LEFÈVRE, Fernando. **Discurso do sujeito coletivo: Um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. 2ª Ed. – Caixas do Sul, RS: Edues 2005

POSTIC, Marcel. **A relação Pedagógica**. Coimbra: Coimbra Editora, 1990.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar: Fundamentos para o trabalho docente** – 1ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.